

A OUTRA QUE FULGURA¹

LA OTRA QUE FULGURA

Ángeles Mateo del Pino (Universidad de Las Palmas, Gran Canaria, España)

RESUMO: O presente artigo é uma tradução do texto original intitulado *La Otra Que Fulgura*, de Ángeles Mateo del Pino, publicado em 2011, na Revista Boca de Sapo - Revista de Arte, Literatura y Pensamiento, traduzido com autorização da autora. O artigo desenvolve um texto biográfico de Josefina Plá, artista hispano-paraguaia, retratando os enfoques de sua vida em contato com a cultura paraguaia e o desenvolvimento de seus trabalhos relacionados às artes plásticas, literatura, ensaísmo, e demais vertentes de trabalho realizadas por Josefina Plá. Para a concretização do texto, foram utilizadas entrevistas concedidas por Josefina Plá à autora, em época da realização de sua tese de doutorado, assim como demais textos produzidos por Josefina Plá e, também, sobre ela.

Palavras-chave: Josefina Plá; Vida; Obra.

RESUMEN: El presente artículo es una traducción del texto original intitulado *La Otra Que Fulgura*, de Ángeles Mateo del Pino, publicado en 2011, en la Revista Boca de Sapo - Revista de Arte, Literatura y Pensamiento, traducido con autorización de la autora. El artículo desarrolla un texto biográfico de Josefina Plá, artista hispano paraguaya, retratando los enfoques de su vida en contacto con la cultura paraguaya y el desarrollo de sus trabajos relacionados a las artes plásticas, literatura, ensayismo, y demás vertientes de trabajo realizadas por Josefina Plá. Para la concretización del texto, fueron utilizadas entrevistas concedidas por Josefina Plá a la autora, en época de la realización de su tesis de doctorado, así como demás textos producidos por Josefina Plá y, también, sobre ella.

Palabras clave: Josefina Plá; Vida; Obra.

Josefina Plá, apesar de sua intensa trajetória de vida e artística e sua indubitável importância no panorama cultural do Paraguai em particular e da Latino-américa em geral, continua sendo uma grande desconhecida mais além da geografia paraguaia. Se bem é que nos últimos anos encontramos uma série de edições na Espanha, Uruguai, Chile e Portugal que, entre outros motivos, tenta paliar o imerecido silêncio que se cerne em torno à sua obra, ainda nossa dívida com ela segue vigente. Oxalá estas páginas possam servir como lembrete, lo-

¹ Texto traduzido por Andre Rezende Benatti, Graduado em Letras - Português/Espanhol, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, Mestre em Letras: estudos literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Doutorando em Letras Neolatinas: estudos literários hispânicos, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Pesquisador da obra de Josefina Plá, publicado por Ángeles Mateo Del Pino, anteriormente em Boca de Sapo - Revista de Arte, Literatura y Pensamiento. Tercera época | año XII | Nº 10 | Septiembre 2011.

grando assim frear nossa inata tendência a deixar-nos envolver por águas de Lete².

ILHA DE LOBOS

Josefina Plá nasce no dia 9 de novembro de 1903 na Ilha de Lobos (Forteventura). Filha de Leopoldo Plá e Botella e de Rafaela Guerra Galvani, sua família procedia de Alicante, mas o trabalho de seu pai nos faróis obrigou a família a mudar-se regularmente por quase todo o litoral espanhol. Em 1902 seu pai é destinado como faroleiro suplente nas Ilhas Canárias, e o atribuíram o farol de Martinho na Olha de Lobos. Estes primeiros anos, não os que vinculam Josefina Plá com o espaço canário, no entanto, apesar de suas lembranças serem escassas, a criação e recriação da paisagem insular demonstram que este âmbito deixou uma profunda marca em sua vida.³

Em 1908 o trabalho do pai obriga a família a um novo traslado e a abandonar definitivamente as ilhas, para viver sucessivamente em Guipúzcoa, Amería, Murcia, Alicante, Valencia... Cenários nos que transcorre a meninice e a adolescência de Josefina Plá. Seu pai, um homem culto, possuía uma enorme biblioteca na que satisfazia sua prematura inclinação pela leitura. Um trecho quase imperceptível de azar e magnetismo se unem no pai os espaços telúricos que conformaram a geografia de nossa autora: sua pátria natal e sua pátria por adoção, pois foi seu pai quem infundiu na artista o interesse pelo Paraguai, o país que, como o passar do tempo, se haveria de converter-se em seu destino (O certo é que mantenho em mim um momento especial da estadia em Fuerteventura e foi quando meu pai, na sala de estar de nossa casa “majorera”, leu um apaixonante relato das Missões Jesuíticas no Paraguai⁴).

Aos onze anos começa seus estudos se segundo grau que finaliza dois anos e meio

² Grande parte dos dados que oferecemos neste trabalho procedem de uma documentação que nos cedeu a própria Josefina Plá: *Ficha-bio-bibliográfica (abreviada)*.

³ “Nunca esqueci que era canária, e para mais, *majorera* (pessoa natural de Fuerteventura). Mas nunca tampouco, pude lembrar como eram – como são – estas Canárias, com cujo barro se amassaram anos parvos meus. Tudo o que dela podia evocar era soltas, breves imagens: um par de camelos, terror de párvula; umas plantas de folhinhas como dedos de anjos, de diversas cores; um touro, invisível monstro furioso do qual fugíamos, minha mãe e eu através de um campo semeado cujas plantas eram mais altas que eu... Outras imagens que desta terra tivera, me desejaram alheios labios nostálgicos. A ilha de Lobos, onde nasci, verruga no mar da epopeia definitiva na conquista do planeta, é uma estampa que me construíram; como a de tormenta que foi orquestra no nascimento ou a do charco com peixinhos “impescáveis”, que passou, com o tempo, a ser, para mim, o símbolo de ser, perseguido e constantemente fugitivo na poesia... Outras estampas mais tarde me desenhariam os livros: os vales, paraísos da fertilidade; as rocas com fungos telúricos moldados pelo fogo e o vento; o vulcão senhorial supervivente. **Plá, Josefina**. “Se pode chamar-se prólogo” in: *Grito e tortura. Seleção poética. Josefina Plá*. . Puerto del Rosario, Cabildo Insular de Fuerteventura, 1995, pág. 25. Dito texto, escrito expresamente para esta obra, a petição nossa, aparece fechada em Assunção 1992.

⁴ Entrevista radiofônica realizada pelo jornalista Zenaido Hernández Cabrera, quem nos cedeu o texto.

mais tarde. Ditos cursos não pode realizá-los como aluna regular, já que os traslados da família lhe impediram de assistir a escola com regularidade. Um ano depois termina Peritaje Mercantil e realiza estudos de Magistério, que não chegará a concluir. Estas disciplinas as acompanham com a aprendizagem do inglês e do alemão, sob a orientação de um professor particular, pois o francês já o havia aprendido durante sua estadia no colégio das monjas L'Inmaculeé Conception (São Sebastião), onde esteve dois anos como aluna meio bolsista.

Durante o verão de 1923 a família se muda para Villajoyosa (Alicante); ali a aguardará outro encontro com o destino. Em sua mesma rua - r. Costereta - reside o artista paraguaio Andrés Campos Cervera, quem, bolsista por seu governo, pesquisa a cerâmica de Manises. Andrés Campos Cervera havia nascido em Assunção do Paraguai em 3 de maio de 1888, no seio de uma família de origem espanhola. Seu pai, Cristóbal Campos Sánchez, doutor em Ciências Naturais, havia abandonado as paisagens de olivais da alta Andaluzia pelo Paraguai, depois de uma permanência de uns poucos anos em uma capital de província da República Argentina, onde havia exercido a docência. No Paraguai participa ativamente empresas culturais: é um dos fundadores do Colégio Nacional, dita cátedras diversas, trabalha em diários... Cristóbal Campos Sánchez havia se casado com Aurelia Cervera de la Herrería, que pertencia a uma família oriunda do Cantábrico. Esta família se encontrava por sua vez com outra da que haviam saído alguns literatos, como Nicolás Díaz Pérez⁵, que foi cronista de Extremadura. Andrés Campos Cerveja, um dos filhos mais novos, mostrará desde cedo uma inequívoca vocação artística. Sua inclinação pela arte o leva a passar uns anos na Espanha, onde já residia seu irmão Eugenio e onde se matricula na Academia de Belas Artes (Sevilha) e na Escola de São Fernando (Madri) fazendo breves escapadas à França e Itália⁶.

Uma bolsa do governo paraguaio o leva de novo a Paris, desta vez para fixar ali sua residência. Compartilha tertúlias com Picasso, Foujita, Matisse, Dufy e inclusive toma notas do perfil de Amado Nervo. Foram seis anos de Paris, “e mais que de Paris de Montmar-nasse”⁷. Desta época dá conta um artigo publicado em Assunção em 1920:

⁵ Os filhos deste serão Viriato Diaz Pérez, polígrafo espanhol, radicado no Paraguai desde 1906, e Alicia Díaz Pérez, casada com um dos irmãos de Andrés, Hérib Campos Cervera, com quem terá um filho, Juam Cristóbal Campos Díaz, que levará logo o nome de Hérib Campos Cervera, uma das vozes poéticas mais importantes do Paraguai, personalidade fundamental, junto com Josefina Plá, no desenvolvimento da cultura moderna do país.

⁶ Permanece na Espanha desde meados de 1907 até princípios de 1912. Depois de uma breve escapada a Paris, volta de novo a Madri e Dalí empreende viagem à Itália, onde morará até princípios de 1913.

⁷ **Plá, Josefina.** *El espíritu del fuego. Biografía de Julián de la Herrería.* Asunción, Imprenta Alborada, 1977, pág. 37.

Era, aquela reunião, diária, em seu ateliê do Bairro Latino, nas cercanias de Luxemburgo, onde passávamos as tardes pintando e discutindo problemas de ordem geral. Por esse lugar desfilaram quanto argentino, paraguaio, oriental, chileno, brasileiro, peruano, etc. que chegavam à Paris à procura de luzes. Ali se falou de política, de revoluções, de futuros triunfos artísticos, de uma completa reforma das artes, da música e das letras.

Depois de uma breve viagem à Inglaterra regressa ao Paraguai na primavera de 1919, depois de haver estado doze anos ausente de seu país. Realiza exposições, vende quadros, participa de tertúlias e colabora com ilustrações nos jornais locais. Deixa Assunção em agosto de 1920 e durante quatro anos e meio permanece na Espanha: Madri, Santander... Uma segunda bolsa do governo paraguaio o leva a estudar a cerâmica de Manises. Se instala em Valencia e assiste a aulas na Escola de Cerâmica. Depois de uma longa etapa de trabalho expõe na Feira Mostuário de Valencia⁸; decide então tirar uma temporada de descanso em Villajoyosa, onde havia se instalado seu irmão Eugênio. É precisamente neste lugar onde se encontra com “Nini”, apelido familiar com que se conhecia Josefina Plá. Na biografia que faz de seu marido, ela mesma evoca este feito:

Ela é uma menina ainda, e ele é um homem já sério - trinta e seis anos - mas a afinidade é indubitável. E o namoro começa e a seguir apesar da obstinada oposição da família da namorada, enquadrada em um rígido sentido pequeno purgues da vida: “a vida com um artista não oferece garantia de estabilidade moral nem econômica”⁹.

Depois de seis dias de cortejo e de muito conversar, a namorada se compromete a realizar traduções que lhe havia solicitado Andrés Campos Cerveja dos textos de *Kulturen der Erde - Culturas do mundo* -. O namorado, por sua vez, deve partir de novo a Manises, dando por terminadas suas curtas férias. A relação continuará por correspondência - duas cartas por semana, as vezes três - até o final do namoro. “Mimi”¹⁰, assim rebatizada pelo artista, permanece algum tempo em Villajoyosa, mas pouco depois uma nova mudança de trabalho do pai a

⁸ O artista concorre com um plano monumental de uma coleção de indígenas sentados; um grupo deles foi adquirido pelo Rei Alfonso XIII.

⁹ **Plá, Josefina.** *El espíritu del fuego*, op. cit., pág. 82.

¹⁰ Ainda que não haja dados do porquê o artista elege este nome, chama a atenção a coincidência do mesmo com o do protagonista da obra de **Alfred de Musset**, *Mimi Pínsón*, uma das figuras mais representativas do romantismo, encarnação ideal da amada do artista, que simboliza a alegria de viver.

leva a residir em Almería.

Enquanto o namorado trabalha incansavelmente em Manises, ainda que um problema de inscrição na Escola de Cerâmica de Valência o obriga a matricular-se na Escola de Belas Artes de Madri, aproveitando sua estadia na capital para realizar uma exposição de cerâmica, inaugurada em 16 de dezembro de 192, pela que recebe numerosos elogios da crítica. De volta a Levante, entre março e abril de 1925 apresenta sua obra em Alicante. Ao acabar o prazo da bolsa, volta ao Paraguai.

Seu encontro com Andrés Campos Cervera foi qualificado por Josefina Plá como o segundo acontecimento capital de sua vida, ainda que o ambiente familiar não resultasse propício para a relação. A família, e em especial o pai, respirou com alívio com a partida do artista. Esta despedida, no entanto, não foi causa suficiente para o esquecimento. Assim o demonstra o seguinte fragmento de seu “Autoesboço”:

Quase imediatamente cometi outro disparate: me apaixonei. A casa retumbou de trovões premonitórios. O namorado, no entanto, depois de seis dias de cortejo se ausentou rumo ao Paraguai nada menos; e meu pai, esquecendo-se de seus êxitos históricos ante o prodígio das Missões Jesuítas, prediz o recesso e evaporação do malfadado donzel. No entanto, vinte meses mais tarde me chegou uma petição à mão, aquilo foi trágico. Não sei como meus pais consentiram. Suponho que chegaram à conclusão de que o homem que havia sido capaz de permanecer fiel, rodeado de todos os feitiços tropicais, era capaz de tudo.¹¹

O artista, já estabelecido em Assunção, realiza outra exposição de cerâmica. Além disso, empreende a construção de um forno, vende algumas peças e, com o dinheiro que obtêm, afronta os gastos de um casamento à distância. Os fundos não dão para duas passagens, pelo que escreve a Mimi “Não me é possível ir buscar-te... Virias sozinha?” Ainda que o artista jamais posou em Almería se casou por poderes nesta cidade em 17 de dezembro de 1926. As crônicas da boda se publicaram tanto em Assunção quanto em Almería.

O CORAÇÃO DA AMÉRICA: PARAGUAI

Uma vez celebrada a boda, Josefina Plá embarca rumo ao Paraguai em 6 de janei-

¹¹ “Autoesemblanza escrita a pedido de un periodista extranjero”, enero de 1968, citada por **Ramón Atilio Bordoli Dolci** em: *La problemática del tiempo y la soledad en la obra de Josefina Plá* [Facsímil de Tesis]. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, 1984, pág. 517.

ro de 1927, pisando em terra americana no dia 1 de fevereiro.

E cruzei o oceano, como Colombo, com esse sonho nas costas. Sonho grande como pode sê-lo uma terra nova para uma mulher; sonho identificado com o de um mundo de amor inesgotável. Agora bem, ainda que este país novo se figurasse nos mapas e tivesse nome e história, para mim era âmbito desconhecido: existia, mas eu devia descobri-lo.¹²

A esposa se instala primeiramente na quinta paterna dos Campos Cervera - Vila Aurélia - e aos fins de 198 se muda para Assunção - rua Estados Unidos e Republica da Colômbia -, à casa onde continuará residindo nossa autora até seus últimos dias. A esposa ajuda o marido na construção de um forno e aprende a arte da cerâmica.

No Paraguai Josefina Plá inicia logo sua verdadeira vocação, a literária. Se interessa pelas atividades teatrais, chegando inclusive, durante o mesmo ano de sua chegada, a estrear uma primeira obra, *Vitima propiciatória*, uma comédia em três atos representada no Teatro Granados pela companhia Diaz-Perdiguero em agosto de 1927. Neste mesmo ano se inclui na diretoria da Sociedade de Autores locais e no seguinte de Assunção. Cria uma seção bibliográfica de caráter fixo na que resenha livros de poesia. Esta é a primeira vez que a imprensa paraguaia arruma uma inquietude cultural deste tipo. Além disso, é nomeada responsável da revista argentina *Orientação* e colabora nos últimos números da revista literária *Juventude*.

Pesa sua dedicação ao jornalismo, Josefina Plá trabalha com seu marido, aparecendo com ele em uma exposição que haviam preparado conjuntamente e que se apresentou no Salão Alegre de Assunção em agosto de 1928, primeira ocasião em que ela aparece como expositora e vende suas obras. Nesta mostra Andrés Campos Cervera muda seu nome pelo de “Julián de la Herrería”: Julián era seu segundo nome, De la Herrería o segundo sobrenome de sua mãe. Tal como nos disse Josefina Plá em sua biografia, o motivo não é outro que o orgulho do artista, que tenta conseguir a fama por si mesmo e não por mediação dos conhecidos sobrenomes paternos.

Nossa autora continua seu trabalho literário e ensaístico nos jornais de Assunção, e inicia seu trabalho como locutora cultural na rádio El Orden. Este feito a converte na primei-

¹² **Plá, Josefina.** “Si puede llamarse prólogo” em: *Latido y Tortura*. Puerto del Rosario, Cabildo Insular de Fuerteventura, 1995.

ra mulher locutora na história da rádio paraguaia; todo isso sem abandonar a arte, pois com seu pseudônimo “Abel de la Cruz” dá a conhecer suas gravuras em linóleo ou na madeira no jornal El País de Assunção.

Em junho de 1929 o casal de artistas realiza uma nova exposição no Ginásio Paraguai, cujo objetivo principal é o de absorver os gastos que se reverterão em remédios, muito repouso e boa comida. As penúrias são cada vez mais dirigentes. O doente vai se degradando, não surtem efeitos os medicamentos, nem sequer a sangria, último remédio de urgência. Em 11 de julho de 1937, “um domingo esplendido de sol”, morre Julián de la Herrería. Logo sua mulher, ajudada por alguns amigos faz um molde do rosto do artista, mas ao pode fazer o mesmo com as mãos. Essas mãos, tantas vezes recriadas na poesia, se converterão no vestígio indelével do esposo.

Josefin Plá renova os tramites para regressar ao Paraguai, mas a penúria econômica se acelera e só dispõe de dinheiro para sobreviver. Longe fica o pagamento de um bilhete que a leve de novo a sua terra de adoção. Em setembro desse mesmo ano, durante uma visita a sua família em Villajoyosa, recebe uma carta do segundo marido de sua cunhada Andrea Campos Cervera, Roberto Huber, quem toma conta do pagamento do bilhete de Marselha ao Paraguai. Em troca receberá algumas peças do artista. Só resta conseguir a passagem que cubra a distância de Barcelona a Marselha; para isso há de ser vender quase todos seus pertences: roupas, cobertas, objetos domésticos e até uma coleção de selos paraguaios. Antes de viajar, deixa em bom cuidado a coleção de Julián de la Herrería no Museu Nacional de Bellas Artes de Valencia, na espera de que no futuro viaje à terra paraguaia, o que não ocorrerá até 1956. Não sucederá o mesmo com sua coleção de cerâmicas, a biblioteca e as valiosas lembranças pessoais, condenados a perder-se no transcorrer dos anos.

Solucionados os trâmites, em 27 de fevereiro de 1938, toma o três para Barcelona. Até em 5 de março não sairá para Marselha, e no dia seguinte o destino será Buenos Aires. Vários dias depois embarca rumo ao Paraguai, onde chega em 10 de abril de 1938.

Em seu regresso ao Paraguai, o governo, supondo laços da artista com a República espanhola, determina confiná-la em Clorinda, cidade da província de Formosa (Argentina), a quatro quilômetros da fronteira com o Paraguai. Josefina Plá apela a suas credenciais de correspondente e jornalista durante os primeiros anos da guerra e, pouco depois, retorna a Assunção.

Agora Josefina Plá se encontra com m pais que, havendo saído vencedor da Guer-

ra do Chaco (1932-1935), mantém uma situação política instável. Muitos eram os desastres causados pelo enfrentamento, e a isto se somava um caos de lutas fraternas, de greves violentas, de revoluções e ditaduras que culminariam com o estouro da Guerra Civil em 1947. Não obstante, em meio desta desordem é capaz de realizar um imenso labor de renovação artístico e literário.

Em 1938 reinicia seu trabalho dramático. Com Roque Centurión Miranda escreve *La hora de Caín*, drama em três atos que é emitido parcialmente pela Rádio Livieres entre 1938 e 1939. Do mesmo ano é *La humana impaciente*, drama em três atos do qual se conhecem algumas cenas em 1939, graças ao trabalho da Rádio Proal. Nestes anos escreve em jornais e revistas paraguaias numerosos sobre crítica teatral, tanto de obras nacionais como estrangeiras, e investiga diversos aspectos do teatro.

Junto com Roque Centurión Miranda funda e dirige *Proal* (Pró Arte e Literatura), primeiro jornal literário radiofônico no Paraguai. Se encarrega de sua redação no *El Diario* durante os anos de 1938-1939. É nomeada diretora do diário *Pregón* em 1939 e exerce como redatora na revista *Guarán*.

Fiel à sua ideia de manter a viva a memória do artista, funda em 1938 o Museu de Cerâmica e Belas Artes “Julián de la Herrería”, do qual será proprietária e diretora (mais tarde, será reconhecido pela UNESCO e incluído em sua lista de Museus Latino-americanos). Durante a década de 1940 o panorama artístico paraguaio é o do país abafado em velhas concepções estéticas. Surge nestes anos uma série de escritores preocupados por arejar o panorama cultural e por em dia a literatura paraguaia. Este grupo se conhecerá posteriormente como Geração de Quarenta. Esta geração é formada por Josefina Plá, Hérib Campos Cervera, Augusto Roa Bastos, Julio Correa, Ezequiel González Alsina, Hugo Rodríguez Alcalá, Oscar Ferreiro y Elvio Romeo. Para difundir sua tarefa contam com um espaço semanal no jornal *asuceno El País*.

Estes artistas, entre os quais se encontram poetas, pintores, músicos, dramaturgos, criam um cenário cujo objetivo principal é o de reunir seus integrantes em tertúlias que se realizam na casa de alguns de seus componentes, como na do pintor Liber Fridman. O cenário recebe o nome guarani de *V’y Raytí* (“Canto” o “Ninho da alegria”). Tanto a Geração de Quarenta como o cenário se dissolvem com a Guerra Civil de 1947, que obriga a abandonar o país a alguns de seus integrantes.

Durante estes anos tem lugar na vida de Josefina Plá uma série de acontecimentos

de cunho mais pessoal. Em 1940 nasce seu primeiro filho, Ariel Tabaré, a quem registram com o sobrenome materno. A vivência da concepção foi recriada poeticamente em 1939¹³. Um fato doloroso marcará sua vida pouco depois, a morte de seu pai em 1941, quando este se encontrada no farol de Torre Vieja; a imagem paterna ficara para sempre identificada poeticamente como o mar¹⁴.

Ainda que sejam anos duros, Josefina Plá seguirá para futuro desempenhando um prolífero trabalho cultural, pois não só escreve e Poe em cena obras dramáticas, como também trabalha como assídua colaboradora e frequentemente como produtora de quantas iniciativas que surgem nesses primeiros momentos e até 1950 em prol da cristalização de um novo teatro próprio. Seu trabalho jornalístico se incrementará com posterioridade tal como suas atividades radiofônicas. Mas também dará numerosas conferências e aulas de cerâmica. A ela se deve a aparição dos ceramistas nativos que continuam à esteira de Julian de la Herrería. A artista propaga de maneira efervescente o interesse por este exercício e, a partir de 1947, expõe suas peças em diferentes salas de Assunção, mais tarde fora do país. Funda junto com Roque Centurión Miranda a Escuela Municipal de Arte Escénico, e redacta a primeira carta organizacional desta entidade, aprovada em maio de 1948. Nesta mesma escola desempenha o cargo de secretária assessora de 1948 a 1967. Ocupa diversas cátedras: Historia del Teatro, Análisis Teatral, Accesorios Escénicos, Análisis de personajes, Teoría del Teatro y del Drama, Análisis de Obras, e Fonética. Ainda que a escola feche por motivos políticos, de 1949 até 1950, uma vez reaberta continua ensinando no dito centro. Traduz para seus lunos obra de Paul Morand, Luigi Pirandello, Sacha Guitry...

Josefina Plá segue dando aulas de cerâmica durante estes anos. Em 1952 sua obra e a de seu aluno José Laterza Parodi são expostas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Entre os anos de 1952-1953 se constitui, junto a João Rossi, na principal teórica e divulgadora dos princípios estéticos do “Arte Nuevo”. Em 1953, com Olga Blinder, Lili del Mónico e José Laterza Parodi, funda o Grupo Arte Novo, que propunha a renovação da Arte Paraguaia, ancorado até mediar o século no pós-impressionismo acadêmico. A este Grupo se deve a organização da Primeira Semana de Arte Moderna Paraguaia (1954), durante a qual se expõem as peças de vários artistas nas vitrines dos principais comércios da rua Palma de Assunção.

A concessão de uma Bolsa do Instituto Hispânico para o ano de 1955-1956 a per-

¹³ Plá, Josefina. “Concepción” en: *La raíz y la aurora*. Asunción, Ediciones Diálogo, 1960, pág. 11.

¹⁴ Plá, Josefina. “Amaste el mar” en: *Cambiar sueños por sombras*. Asunción, Alcándara, 1984, pág. 66.

mite viajar à Espanha. Ali administra a recuperação da coleção de Julián de la Herrería, guardada no Museu de Bellas Artes de Valencia. Em 1957 é designada pela UNESCO organizadora oficial da primeira Mesa Redonda sobre Artesanato do Paraguai.

Aos fins da década de cinquenta e inícios da seguinte colabora estreitamente para a Revista *Alcor* - dirigida por Rubén Bareiro Saguier -, oferecendo traduções, contos, artigos e resenhas. Em 1963 recebe um convite do Departamento de Estado dos EUA para visitar este país durante os meses de setembro a novembro. Durante sua estadia dita uma conferência na Alfred University, na Seattle University e em outros centros acadêmicos americanos. Em 1964 lhe concedem o Prêmio Lavorel de escritor, que durante os vinte últimos anos, mais se distinguiu por suas atividades em prol da cultura paraguaia. Também participa de diversos encontros internacionais de escritores, entre eles cabe citar os realizados em Gênova¹⁵ (1965), Caracas (1967) e Estados Unidos com o motivo do Ano Internacional da Mulher.

Junto com o artista Laterza Parodi confecciona o mural em cerâmica veneziana do edifício do Instituto de Previsão Social (Assunção, 1961). Ambos criam também os murais do hall do Teatro Municipal de Assunção (1963). Em 1964 organiza, junto com Miguel Ángel Fernández, a Exposição Retrospectiva da Arte Moderna Paraguaia. É nomeada jurada local para representação paraguaia nas Bienais V, VI e VII de São Paulo (1959, 1961 e 1963) e também na II Bienal de Córdoba (Argentina, 1964). Por sua vez, nos primeiros anos da década de sessenta realiza numerosas exposições de cerâmica: São Paulo, Washington e Buenos Aires, além de suas habituais mostras em Assunção. De forma paralela, publica diversos livros sobre artes plásticas: *El Grabado en el Paraguay* (1962), *Las artesanías en el Paraguay* (1969), *El barroco hispano-guaraní* (1964). Continua publicando em revistas e cadernos sobre arte. Ao mesmo tempo redata o capítulo correspondente ao Paraguai para a *Enciclopedia del arte en América* de Vicente Gesualdo, Buenos Aires, 1968.

Durante os anos seguintes continua seu trabalho de difusão e crítica artístico-literária, o que dá lugar a um volumoso número de publicações sobre o particular. Além disso, nos anos cinquenta começa o reconhecimento ao trabalho cultural desenvolvido por nossa autora no Paraguai. Se no campo da dramaturgia e da narrativa o trabalho criativo de Josefina Plá é ingente, não o é menos no âmbito da criação poética. Desde sua cegada ao país não ha-

¹⁵ Participa no Congresso e cria a Associação de Escritores Latino-americanos com o auspício da Fundação Colombiana. Junto a ela assistem Miguel Ángel Asturias, Ciro Alegría, Alejo Carpentier, Ernesto Sábato, Leopoldo Zea, Luis Alberto Sánchez, José María Arguedas y Augusto Roa Bastos, entre outros escritores de América Latina.

via deixado de escrever poesia, mas esta só se conhece através de jornais e revistas, salvo seu primeiro livro de poemas *El precio de los sueños* (1934). É a partir de 1960 quando sua produção lírica começa a ser recolhida sob a forma de livros: *La raíz y la aurora* (1960), *Rostros en el agua* (1963), *Invencción de la muerte* (1965), *Satélites oscuros* (1966), *El polvo enamorado e Desnudo día* (1968).

Na década de 70 Josefina Plá recebe numerosas distinções, cargos honorários, homenagens, etc. Em 1976 é distinta com a Medalha do Bicentenário da Independência dos Estados Unidos. Em 1977 recebe do Governo Espanhol a condecorações da Ordem “Isabel la Católica. Lhe concedem, no mesmo ano, um jubileu pela Academia Paraguaia de Língua Espanhola; Cinquentenário, pela Universidade Católica e o Instituto Paraguaio de Cultura Hispânica. É eleita “Mulher do Ano no Paraguai” e em 1979 lhe dão a Medalha do Ministério da Cultura de São Paulo. Em 1971 é convidada a dar conferencias no Instituto Hispânico de Madrid, motivo pelo qual viaja à Espanha.

Os anos oitenta são igualmente significativos neste aspecto. É nomeada Membro do Número da Academia Paraguaia da História (1983), finalista do Prêmio Príncipe de Asturias e Doutora *Honoris Causa*, pela Universidade Nacional de Assunção (1981). Recebe o OLLANTAY galardão teatral (Venezuela, 1983), e a nomeiam Membro de Honra do Instituto Literário e Cultural Hispânico dos Estados Unidos (1984). Igualmente é Membro Correspondente da Real Academia Espanhola da História (1987), Membro Correspondente da Academia Colombiana de História (1988), Prêmio Mottart de Literatura (Academia Francesa, 1987). Além disso, de outros reconhecimentos, como ser Membro da Academia de Língua Espanhola e da Sociedade de Escritores do Paraguai e Membro Honorário da Sociedade Argentina de Escritores (SADE).

Especial relevância tem a obra narrativa de Josefina Plá que se incrementa notavelmente nesta década. Aparecem editados os seguintes títulos: *El espejo y el canasto* (1981), *La pierna de Severina* (1983), *Alguien muere en San Onofre de Cuaremi* (1984), esta última realizada em colaboração com Ángel Pérez Pardella. Também publica sua coleção de contos *La Muralla robada* (1989), e uma série de contos infantis, *Maravillas de las Villas* (1988). O mesmo ocorre com sua produção lírica: *Follaje del tiempo* (1981), *Tiempo y tiniebla* (1981), *Cambiar sueños por sombras* (1984), *La nave del olvido* (1985), *Los treinta mil ausentes: elegía a los caídos del Chaco* (1985). Esta última havia recebido o Primeiro Prêmio do concurso realizado com o motivo do Cinquentenário da Guerra do Chaco (1982). Posteriormente

aparecerá seu último livro de poemas, *La llama y la arena* (1987). Além disso, cabe destacar as diversas antologias e traduções que realiza.

A enorme tarefa de Josefin Plá desenvolveu-se no âmbito da cultura paraguaia levando a crítica a considerá-la uma figura símbolo, sem cuja presença não poderia entender-se o panorama intelectual deste país. Por este motivo, o Governo paraguaio lhe atribuiu, em 1990, uma pensão vitalícia e o Centro de Artes Visuais inaugurou uma sala com seu nome. De igual forma, recebeu o Prêmio da Sociedade Internacional de Juristas por seu trabalho em defesa do Direitos Humanos.

Em 1992, em recorrência de uma homenagem, a cidade de Assunção celebrou uma exposição sobre a vida e a obra de Josefina Plá. Durante a celebração do dito ato, organizado pela Embaixada da Espanha no Paraguai, deram conferências sobre a poesia, narrativa, teatro, obra artística, historiografia e crítica de arte, história social e cultura, ensaio e crítica literária desta célebre criadora.

Não só pela diversidade, senão pela qualidade de sua produção, é pelo que devemos contar Josefina Plá entre as mais valiosas criadoras da América Hispânica. Uma “mulher excepcional que elegeu como parte de um destino ineludível, o Paraguai” - no sentir de Carlos Colombino¹⁶ - e que soube elevar a cultura paraguaia tirando-a de sua ilha, enquanto levou à revisão e atualização da cultura do seu país de adoção. Segundo Augusto Roa Bastos, outro autor que universalizou esta cultura: “Este é seu valor e seu mérito mais definitivo¹⁷. Por ele não há dúvida, a maneira do reconhecimento pessoal, em dedicar-lhe seu romance *Vigila del Almirante* (1992): “A Josefina Plá, o mais alto valor das letras hispânicas na América atual, que soube unir ao longo de sua vida austera e fecunda seu amor e lealdade por sua terra espanhola com sua adoção da dor paraguaia e converter-se no vínculo exemplar da vida cultural dos dois povos”¹⁸.

Em 11 de janeiro de 1999 morre Josefina Plá, oportuno para retomar as palavras que pronunciara a despedida de Julián de La Herreía: “Já seu frio não é deste mundo e desta carne”¹⁹, nos deixa seu legado, grande parte dele. As distâncias deste mundo já não são obstáculos para chegar a sua obra.

¹⁶ **Colombino, Carlos.** *Josefina Plá: Su vida. Su obra.* Asunción, Dirección de Cultura/Municipalidad de Asunción, 1992, pág. 5

¹⁷ **Roa Bastos, Augusto.** “La poesía de Josefina Plá”, ob. cit., pág. 61.

¹⁸ **Roa Bastos, Augusto.** *Vigilia del almirante.* Madrid, Alfaguara, 1992.

¹⁹ **Plá, Josefina.** *El espíritu del fuego*, ob. cit., pág. 148.

Referências

COLOMBINO, Carlos. *Josefina Plá: Su vida. Su obra.* Asunción, Dirección de Cultura/Municipalidad de Asunción, 1992.

PLÁ, Josefina. “Amaste el mar” en: *Cambiar sueños por sombras.* Asunción, Alcándara, 1984.

_____. “Autosemblanza escrita a pedido de un periodista extranjero”, enero de 1968. In.: **DOLCI, Ramón Atilio Bordoli.** *La problemática del tiempo y la soledad en la obra de Josefina Plá* [Facsímil de Tesis]. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, 1984.

_____. *El espíritu del fuego. Biografía de Julián de la Herrería.* Asunción, Imprenta Alborada, 1977.

_____. Se pode chamar-se prólogo. In: *Grito e tortura. Seleção poética. Josefina Plá.* . Puerto del Rosario, Cabildo Insular de Fuerteventura, 1995.

_____. Si puede llamarse prólogo, In.: *Latido y Tortura.* Puerto del Rosario, Cabildo Insular de Fuerteventura, 1995.

_____. Concepción. In.: *La raíz y la aurora.* Asunción, Ediciones Diálogo, 1960.

ROA BASTOS, Augusto. “La poesía de Josefina Plá” en: *Revista Hispánica Moderna.* Nro. 32, julio-octubre 1966.

_____. *Vigilia del almirante.* Madrid: Alfaguara, 1992.